

“EU NÃO ME INTERESSAVA “SEU MANÉ!” – LEMBRANÇAS E DESLEMBRANÇAS DE JOÃO DE RÉGIS

Manoel Antonio dos Santos Neto¹

RESUMO: Atividade desenvolvida pelo Núcleo de História Oral do Centro de Estudos Euclides da Cunha – CEEC, as entrevistas realizadas com moradores de Canudos, em especial descendentes de conselheiristas objetivava fixar a memória desses moradores sobre o conflito ocorrido no período de 1896/1897. João de Regis era um dos mais lúcidos e importantes memorialistas da trajetória do seu povo, cujos depoimentos se caracterizavam pela profunda honestidade do seu testemunho e pela lealdade dedicada a lembrança dos seus antepassados. O reconhecimento da tradição oral como fonte histórica estratégica para a recuperação e inserção do discurso popular na produção historiográfica, confere a estas entrevistas gravadas no ano final do século XX e no princípio do século XXI, a importância de uma fonte documental de grande relevância para quantos desejem encaram o desafio de reescrever o histórico das lutas populares no Brasil.

PALAVRAS-CHAVES: História. Memória. Cultura Popular. Oralidade.

ABSTRACT: The interviews carried out with residents of Canudos, especially descendants of counselors, aimed at establishing the memory of these residents about the War that took place in the period of 1896-1897, developed by the Oral History Nucleus of the Euclides da Cunha Studies Center (CEEC). Joao de Regis was one of the most lucid and important memorialists of the trajectory of his people, whose testimonies were characterized by the deep honesty of his testimony and the loyalty dedicated to the memory of his ancestors. The recognition of oral tradition as a strategic historical source for the recovery and insertion of popular discourse in historiographical production, confers to this interview recorded in the final year of the twentieth century and in the beginning of the twenty-first century the importance of a documentary source of great relevance for those who want to face the challenge of rewriting the history of popular struggles in Brazil.

KEYWORDS: History. Memory. Popular Culture. Orality.

INTRODUÇÃO

Foram muitas as conversas que mantive com João de Régis. Não eram encontros frequentes, contudo, sempre foram prosas prolongadas. Na sua casinha das Umburanas aonde ainda não dispunha do conforto e praticidade da energia elétrica, aliás, ele morreu sem esse benefício, João sabia bem receber seus convidados. Possuía a natural cortesia dos sertanejos, aquele acolhimento prudente e amigável, inicialmente desconfiado, depois expansivo e generoso. Magro e alto, acaboclado, olhos agateados e vivazes, fala mansa e de timbre agudo,

¹ Historiador e Coordenador do Centro de Estudos Euclides da Cunha – CEEC/UNEB.

era amigo de uma prosa boa, mais eloquente se tornava ainda se o assunto fosse a história de sua terra e do seu povo.

Vestia quase sempre camisa social, sem arregaço, a manga esticada até os pulsos, calças comuns de pano, sandálias de couro. Como a complementar sua indumentária a inseparável bengala de pau da caatinga, amparando-o nos seus passos tardos, idas e vindas em muitas manhãs e noites, verões e invernos, chuvas e estiagens. Era o homem típico do sertão. Sangue e hábitos. Vida morigerada, modestíssima, transcorrida integralmente na luta pela subsistência.

João Reginaldo de Matos, o João de Régis, nasceu em Canudos no dia 12 de junho de 1907, filho de Reginaldo José de Matos, natural de Mirandela e Joana Batista de Jesus, canudense de fundas raízes. O pai era agricultor, plantando o comum na região, ou seja, milho, feijão, abóbora, fava. Criava miúncas – bodes, cabras, galinhas de capoeira, porcos – para reforçar a economia doméstica, com vistas o sustento da família Bom catingueiro costumava caçar bichos do mato muito apreciados na culinária sertaneja - tatu, preá, veado, capivara, etc. A mãe, dona Joana, filha do famoso Mané da Guerra, criada nos conformes sertanejos se tornara dona de casa. Parideira e rija, forjada na labuta que norteia a existência das mulheres pobres do sertão. Os Guerras eram vizinhos e amigos de Joaquim Macambira, homem pacato e morador da Fazenda Arrojado. Mais tarde ambas as famílias se tornariam notáveis e lendárias, como integrantes do séquito e do “Exército” conselheirista.

Caso pesquisadores e estudiosos persistissem aceitando sem reparos as afirmações de Euclides da Cunha, segundo a qual Canudos seria nos idos finais do século XIX uma pequena fazenda de gado a beira da Vasa Barris, abandonada pelos seus proprietários e habitada por indivíduos mal-encarados e de duvidosa procedência, prosseguiríamos incorrendo no equívoco do escritor fluminense. Todavia se a informação euclidiana prevaleceu como verdade absoluta durante algumas décadas - requintada gaiola a aprisionar a história, na sentença de José Calasans - a ousadia e o trabalho de alguns pesquisadores possibilitaram a correção de algumas imprecisões factuais contidas no texto de “Os Sertões” e em outras publicações, sendo fundamental neste aspecto a audição concedida aos testemunhos populares, fontes orais incorporadas a matéria historiográfica. O povo conhecia a sua história e quando foi instado a narrá-la o fez com inequívoca honestidade, conquanto muitas vezes, cedendo ao encanto da imaginação, que não deixa de ser memória, tão somente enfeitada aqui e ali por sonhos e quimeras.

Eu e com João de Régis encontramos respostas e explicações para muitas das nossas indagações e dúvidas. Pacientemente, pedagogicamente seria mais justo dizer, nos esclarecia

as dúvidas levantadas quando estava ao seu alcance fazê-lo, se mostrando angustiado quando não tinha a certeza ou mesmo a informação buscada. Nesses momentos, por vezes parecendo desejar erguer-se da cadeira, exclamava lastimoso: “Eu não me interessava seu Mané!”, confessando que embora presenciasse muitas conversas entre os mais velhos, esses diálogos passavam despercebidos para o jovem João em seus verdes anos, envolvido então com seus afazeres e desfrutando os dias de mocidade.

Dos muitos fatos recolhidos de oitiva e protegidos nas reminiscências dos dias pretéritos, a morte do Coronel Moreira César, para a qual tinha uma versão ouvida da boca do “povo da luta”, era tema que acalorava seu jeito pacífico de narrar. Particularmente enfatizava o traslado do corpo do mítico oficial, da Fazenda Velha onde morrera, para as Umburanas, onde foi abandonado em lugar muito próximo a morada dos antepassados de João e sua atual residência, sendo posteriormente incinerado no mesmo terreno. No dedo do defunto ainda insepulto, lembrava Régis, sob a inclemência do sol, um anel refulgia intensamente. Coisas da Guerra.

Nos nossos últimos encontros reiterava sempre sua preocupação com a inexistência de energia elétrica no lugar que vivia, não por si, “já estava velho”, mas por Duru, sua filha e companhia constante, mulher corpulenta, olhos claros como os do pai, anfitriã delicada e atenciosa, recebendo a todos com copos de chá – capim santo, cidreira, manjeriço – quentes e deliciosos, adoçados com mel de abelha. Também não faltava o cafezinho, igualmente ofertado com capricho, sem falar na água de pote ou moringa, friazinha, boa de beber. Ele nos deixou em dezembro de 2002, ano celebrativo do centenário de publicação do livro “Os Sertões”, do qual tinha um exemplar carinhosamente conservado em sua casa.

Coisas da vida.

As entrevistas que ora resolvemos trazer a público foram realizadas em Canudos, nas Umburanas, em períodos distintos. A primeira nos dias 22 e 23/08/1999 e a segunda, quase dois anos depois, em 26 e 27 de março de 2001. Juntamo-las, porquanto, a segunda complementava a primeira. Participou dos encontros o professor José Carlos Pinheiro, co-entrevistador e companheiro de trabalho do CEEC, colaborando igualmente nos registros sonoros das conversações ocorridas.

As transcrições realizadas após reiteradas audiências do material gravado foram inicialmente literais. Posteriormente a versão textual foi editada, momento no qual foram supressas as falas repetidas, trechos inaudíveis, rasuras ortográficas e erros de digitação. Bom dizer que procuramos conservar as expressões próprias do falar sertanejo, onde aparecem

vezes por outras expressões correntes no português arcaico, decorrência da presença ibérica na colonização do *hinterland* brasileiro.

A fidelidade das transcrições aos testemunhos fonográficos pode ser comprovada na comparação dos dois documentos, ambos encontráveis no acervo do Centro de Estudos Euclides da Cunha – CEEC e disponíveis para consulta.

Podemos dividir a entrevista em três etapas. Na primeira, João nos fala sobre suas origens, seus familiares e nos insere no cenário da Guerra de Canudos.

A segunda é inteiramente dedicada ao Conflito, sobre o qual conta com desenvoltura o que ouviu e aprendeu de oitiva. Na terceira e última etapa da conversa tratamos da reconstrução da cidade até a sua submersão sob as águas da Barragem do Cocorobo, registrando também episódios referentes a presença de Lampião naquelas paragens, assim como, a passagem da Coluna Prestes nas imediações de Canudos.

No mais informar que parte dos encontros com João de Regis aconteceu durante o Projeto de Salvamento Emergencial do Parque Estadual de Canudos em 1999, atendendo solicitação da equipe de Arqueologia, coordenada pelo Prof. Paulo Zanettini, que trabalhando na área inundada, cujas ruínas emergiram devido à grave seca daquele período, considerou procedente e importante ouvir antigos moradores, objetivando maior precisão nas buscas por antigas edificações e outros vestígios da Vila Conselheirista. Com a palavra João Reginaldo de Matos, João de Regis.

ENTREVISTA

E1 – *Bom dia, Sr. João. Eu gostaria de saber seu nome completo, o nome dos seus pais, e sua profissão. Pode ser?*

JR – Meu nome é João Reginaldo de Matos. Eu nasci em Canudos, no dia 12 de junho de 1907. Meu pai era de Mirandela², que antigamente se chamava Saco dos Morcegos, o nome dele era Reginaldo José de Matos e minha mãe Joana Batista de Jesus, nascida aqui em Canudos. A minha profissão antigamente era trabalhar na roça, plantar milho, feijão, trabalhar na lavoura.

E1 – *O senhor também foi tropeiro?*

² Distrito do município de Banzaê, distante 296 quilômetros de Salvador. Mirandela era primitivamente habitada por índios quiriris. A fundação do povoado ocorreu em 1656.

JR – Tinha uma tropinha de jegue. Plantava alho, cebola e ia vender em Ribeira do Pombal³ porque lá dava muito dinheiro. Depois carregava de milho, feijão e farinha e vinha vender aqui. Foi nisso que trabalhei.

E1 – *Eu gostaria que o senhor me contasse a história da sua família, pode ser?*

JR – O começo de minha família foi assim. Aqui na Fazenda Arrojado morava um senhor por nome Joaquim Macambira⁴, então esse Joaquim Macambira era um grande fazendeiro que tinha nesta região. Meu avô era conhecido por Mané da Guerra morava nas Umburanas⁵, ali perto da minha casa. Então, quando foi um dia a tardezinha - nesse tempo minha mãe era moça, tinha mais quatro ou cinco filhas, eles eram muito amigos de Joaquim Macambira, esse povo. Diz à história que meu pai mais minha mãe me contavam que chegou à Fazenda Arrojado aquele homem vestido naquele camisa azul, com aquela imagem no pescoço e com uma malinha. Então o homem perguntou a eles se naquela região não tinha um lugar aonde ele rezasse um “terço na boca da noite e um ofício de madrugada”. Então eles disseram: “Tem, aqui perto. No Canudos, perto da Fazenda Canudos mora uma velha por nome Maria Quitéria” – hoje eu me arrependo de não ter perguntado a minha avó, a minha mãe, o que era que Maria Quitéria era de minha avó, ou era mãe ou era avó, mas não tenho certeza para dizer- então ele mandou chamar. Naquele tempo morava a mãe de Manoel Ciriaco⁶ que chamava Felismina, morava também José Macário que era tio de minha mãe. Mandou chamar essas famílias e foram para Canudos e foi o começo de Canudos. Chegou lá ele rezou o terço na boca da noite, o ofício de madrugada, então tinha aquela capelinha que era feita de taipa com a imagem de Santo Antonio⁷, ele perguntou se não queriam que ele remodelasse aquela igreja, eles

³ Localidade situada na região de Alagoínhas. Situa-se a 271 quilômetros de Salvador. Elevada a categoria de cidade em 1938.

⁴ Dos mais notáveis e conhecidos moradores de Canudos, onde já vivia com numerosa prole antes da chegada de Antonio Conselheiro. Diziam ser homem pacato, bem relacionado na região e que teria intermediado a compra da madeira em Juazeiro, junto ao Coronel João Evangelista Pereira de Melo para a construção da Igreja Nova em Canudos. Seu filho e homônimo comandou o célebre ataque a “Matadeira” episódio imortalizado por Euclides da Cunha em “Os Sertões” e Francisco Mangabeira no seu **Poema Épico**. Uma de suas filhas, Maria Francisca, esteve sob cuidados do Comitê Patriótico da Bahia, após o fim do conflito, tendo retornado posteriormente a sua antiga morada.

⁵ A Fazenda Umburanas situa-se próxima ao riacho do mesmo nome. Em terras desta propriedade João de Régis viveu durante muitos anos e os seus últimos dias. Lá também residiam os Guerra, cujos descendentes ainda vivem em Canudos, assim como os de João de Régis. A Umburana está localizada próxima a área reservada ao Parque Estadual de Canudos.

⁶ Os irmãos Manoel e José Ciriaco – este mais conhecido como Tizé – eram ambos remanescentes da Canudos Conselheirista. Após a Guerra passaram a viver na cidade reconstruída. Manoel, retratado por Pierre Verger, aparece numa reportagem de Odorico Tavares para a Revista “O Cruzeiro”. Nela o jornalista pernambucano radicado na Bahia compara-o fisicamente ao político francês Clemenceau.

⁷ Este pequeno templo foi reformado e ampliado por Antonio Conselheiro, que desejava ter no lugarejo de Canudos, espaço sagrado onde pudesse reunir o povo e fazer suas orações.

combinaram que sim. Foi o começo de Canudos, que eu sei contar. Pois bem, naquele tempo, ele já tinha andado pela aquela região ali do município de Cícero Dantas⁸, Pombal, ele já tinha passado naquela Fazenda Bendó⁹ que era de uma mulher que se chamava, eu ainda conheci essa mulher, eu rapazinho novo, ela chamava Umbelina, mas o apelido era Belinha, então naquela baixa do Bendó tinha aquela madeirame, ele já conhecia daquele madeirame, ele foi lá para querer comprar e ela deu aquele madeirame, por sinal contam os mais velhos que traziam a madeira, que ela deu até boi para ele trazer para matar e fazer comida para o povo.

E1 – Foi Antonio Conselheiro que perguntou se havia um lugar onde pudesse rezar um terço na boca da noite e um ofício de madrugada, ou foi o pessoal que estava aí que perguntou a ele?

JR – Foi ele que perguntou se não tinha nenhum lugar aonde rezasse um terço na boca da noite e um ofício de madrugada, ele foi que perguntou.

E1 – Foi a Joaquim Macambira ou foi a Antonio da Mota¹⁰?

JR – Foi a Macambira, foi a Joaquim Macambira. Antonio da Mota morava cá pertinho de minha mãe, cá no Riacho da Umburana¹¹, o senhor não sabe onde é a casa de João Butão¹²? É bem ali detrás da casa de João Butão, onde era a casa de Antonio da Mota.

E1 – Essa fazenda Bendó não era de um tal Cazuzza? Seo Ioió¹³ me falou isso. A madeira do Bendó foi para fazer a Igreja Nova, do Bom Jesus, ou para fazer a Igreja Velha, de Santo Antonio¹⁴?

⁸ Seu topônimo antigo era Bom Conselho, estando situada no Agreste Baiano. Teve seu nome alterado em 1905, como homenagem ao Barão de Jeremoabo, Cícero Dantas Martins, grande proprietário de terras e poderoso chefe político na região. Dista 302 km da Capital

⁹ Nos esclarece Dionísio Nóbrega que Bendó “é um termo quiriri que significa baixas”. As demais informações fornecidas por João de Régis, estão corretas e inteiramente compatíveis com os dados pesquisados pelo estudioso aqui citado.

¹⁰ Comerciante de “couro e balcão” e dos mais antigos moradores de Canudos, como noticia o professor Calasans, no seu livro “Quase Biografia de Jagunços – O Séquito de Antonio Conselheiro”. Assassinado em 1896, junto com seus familiares, acusado de fornecer informações às tropas repressoras acantonadas em Uauá, sob o comando do tenente Manuel da Silva Pires Ferreira. O crime que vitimou Antonio da Mota e sua família, perpetrado por moradores de Canudos, dentre eles um sujeito chamado Vicentão, em que pese a barbaridade, jamais foi punido. Suspeita-se, que em verdade, Mota foi vítima de crime de mando, em face de disputas comerciais com Antonio Vilanova. O Conselheiro, muito embora houvesse condenado a violência cometida contra os Mota, não se empenhou na punição dos criminosos.

¹¹ Rio temporário que corta as terras da Fazenda Umburanas, das mais antigas propriedades da região.

¹² Morador da 2ª Canudos. Vizinho e amigo de João de Régis.

JR – A Igreja Velha, o começo. Olhe, Ioiô falou assim, mas aí houve um engano, porque o seguinte foi este: a Fazenda era de Belinha, quando o Conselheiro veio aqui ela já era viúva, ela chamava Umbelina por apelido Belinha, então ela foi que deu a madeira, Ioiô atrapalhou-se nisso. Ioiô é mais novo, Ioiô conheceu a família dela como eu conheci dois filhos que ela tinha, então eu dei esse depoimento que foi Belinha que deu a madeira, acho que depois perguntaram a Ioiô e ele disse que essa madeira do Bendó tinha sido da Fazenda de Sinhozinho. Sinhozinho era filho da Belinha, ela morreu e ele herdou a Fazenda, quando perguntaram a Ioiô, ele é mais novo do que eu, não tinha aquela certeza, já deu esse depoimento que foi da Fazenda de Sinhozinho do Bendó que saiu a madeira.

E1 – *A madeira foi na verdade para construir a igreja de Santo Antonio?*

JR - Era, a Igreja de Santo Antonio.

E1 – *A madeira era para fazer o quê?*

JR – A madeira era da cumeeira. Essas madeiras grandes, ainda sobrou madeira, porque tanto veio madeira de lá, como aqui da parte de Jeremoabo também veio umas madeiras. Da parte de Cícero Dantas, que era Bom Conselho, veio também umas madeiras.

E1 - *Bom. Então vamos esclarecer para ficar bem claro, “seo João”? A madeira que ele pegou no Bendó, na mão de dona Belinha, foi para construir a Igreja de Santo Antonio, certo*

JR – Sim senhor. A primeira obra.

E1 – *Isso na mão de dona Belinha. Depois ele continuou a pegar madeira no Bendó?*

JR – Depois, agora aí é que eu não tenho certeza. Eu julgo que ele não pegou mais madeira no Bendó.

¹³ João Siqueira Santos (1909-2007). Foi dos mais notáveis e respeitados memorialistas de Canudos. Aprendeu com seu pai e sua mãe – a primeira professora do Cumbe – prosseguindo suas conversações com sobreviventes do Conflito. Era um narrador entusiasmado, detalhista e de prodigiosa memória, também conheceu Virgulino Ferreira, o Lampião, segundo depoimento que nos prestou em 1999.

¹⁴ Contrariando a informação prestada por João de Régis, o pesquisador e escritor Dionísio Nóbrega informa que a madeira enviada do Bendó, por dona Belinha, foi para a cumeeira da Igreja Nova de Canudos.

E1 – *Me diga uma coisa João: e quem transportou essa madeira do Bendó para cá?*

JR – Ela vinha no lombo de homem, os homens traziam nas costas. Foi por isso que Antonio de Isabé, quando ele vinha, vinha por aí, por Massacará, Varginha, vinha sair no Rosário¹⁵, bem ali perto do Rosário, ainda hoje tem uma umburana que chama o “Banco do Conselheiro”, ainda hoje está lá. Ele nasceu assim, esse pau, ele virou assim e assim subiu, ficou aquele banquinho. Ainda hoje muita gente tem ido espiar, aquele Dionísio¹⁶ mesmo e outras pessoas têm ido espiar, eles vinham por ali. Foi onde o pai de Antonio de Isabé¹⁷ que morava no Bom Jardim, ele menino com a idade de cinco anos, ele quando vinha, vinha de Humildes a Varginha, da Varginha tinha que vencer sete léguas para o Rosário só de areia, só tem meia légua duro, no mais é tudo areia. Antonio Conselheiro sempre rezava para aquele povo de Serra Branca¹⁸ e daquelas fazendas próximas, ele sempre rezava um terço a boca da noite e um ofício de madrugada, e aquele pessoal ficou muito fiel a ele. Foi quando o pai de Antonio de Isabé trouxe ele para tomar a benção a Antonio Conselheiro.

E1 – *E aí o pessoal foi ficando aí?*

JR – Aí...

E1 – *Mas Antonio Conselheiro não ficou morando aí não, ele foi embora, não é?*

JR – Não. Depois que ele chegou que começou, ele não saiu mais daí. Se saiu era para ir buscar madeira.

E1 – *Mas eu estou dizendo, quando ele começou a construir essa igrejinha, que ele mandou buscar a madeira do Bendó, ele não morava aí não, ele estava de passagem, não é?*

¹⁵ O povoado de Maçacará está localizado no município de Euclides da Cunha. Sua origem decorre de uma Missão Franciscana que lá se instalou em 1689, com o intuito de catequizar os índios caimbés. Rosário, antiga fazenda, é distrito do município de Canudos, sendo local de passagem de tropas, notadamente do coronel Moreira César, durante a Guerra de 1896/1897.

¹⁶ João de Régis se refere ao pesquisador e escritor José Dionísio Nóbrega, membro do Instituto Geográfico da Bahia. Dionísio é um profundo conhecedor da genealogia sertaneja.

¹⁷ Antonio de Isabé era antigo morador da região de Canudos. Vivia no lugar denominado Bom Jardim, próximo a Euclides da Cunha. Ele morreu com mais de 100 anos e foi testemunha presencial da Guerra de Canudos. Contava também que tomou a benção a Antonio Conselheiro e que conhecia Lampião, a quem prestou alguns favores.

¹⁸ Povoado pertencente ao município de Euclides da Cunha. Ponto de passagem da Expedição Moreira César.

JR – Não, ele vinha de passagem. Ele veio de lá quando ele foi preso e Cícero Dantas disse ao Prudente de Moraes¹⁹ que mandasse prender Antonio Conselheiro, porque ele tinha matado a mãe e a esposa, ele lá no Itapicuru, então a Polícia veio prender ele e levou para Salvador, e de Salvador para Quixeramobim. Quando chegou lá o Juiz discriminou que ele era órfão, que a mãe tinha morrido quando ele ainda era criança.²⁰

E1 – *Mas ele batizou muita gente aqui, antes de morar mesmo, não?*

JR – Não, ele batizou quando já estava morando. Olhe, quando ele veio para aqui, que ele chegou na casa de Joaquim Macambira, minha mãe era moça. A mãe daquela estátua, de Manelzão²¹, que tem ali no Alto do Mário, também era moça. Esse pessoal todo se casou aí no Canudos, quem fazia o casamento era aquele padre de Monte Santo.

E1 – *Berenguer*²²

JR – Não.

E1 – *Monte Santo ou do Cumbe?*

JR – Cumbe nesse tempo não existia não!

E1 – *Como era o nome do padre Não está lembrado?*

JR – O padre Sabino²³. Foi quem casou minha mãe, foi quem casou a mãe daquele Manelzão, foi o padre Sabino. Então os primeiros filhos que elas tiveram deram a ele para ser o padrinho, ele foi padrinho de um irmão meu e de um cunhado daquela estátua.

¹⁹ Lideranças políticas do período. Cícero Dantas Martins, o Barão de Jeremoabo, detentor de grande poder e influência regional. Prudente de Moraes era o Presidente da República (1894/1898). Em verdade a prisão de Antonio Conselheiro e seu traslado para Salvador ocorreu em atendimento ao Delegado de Itapicuru, este pressionado pelas oligarquias e alguns moradores locais, que se mostravam inquietos com as reuniões promovidas pelo Beato num lugar chamado Missão da Saúde, quando reunia seus adeptos para rezar e pregar.

²⁰ O acontecimento de Itapicuru transcorreu de fato em 1876. Antonio Conselheiro somente fixou morada em Canudos, partir de junho de 1893, após o combate de Macete, ocorrido em maio do mesmo ano.

²¹ Antigo morador da localidade. Em verdade a “estátua” a que se refere João de Régis é um painel existente no Parque Estadual de Canudos, próxima a pequena elevação conhecida como Pelados, onde consta uma fotografia de Manoelzão.

²² Francisco César Berenguer, vigário de Monte Santo por mais de quatro décadas Expressiva e influente liderança religiosa e política na região.

E1 – *E aí me conte uma coisa “seo” João, ele deixou o povo aí construindo uma igreja? Não teve um beato que ficou aí construindo a igreja? O beato Paulo José²⁴?*

JR – Tinha esse Beato, mas eu não tenho conhecimento que ele saísse daí. Se saiu eu não sei.

E1 – *Mas eu digo a Igreja de Santo Antonio.*

JR – “Apois”, a Igreja de Santo Antonio. Porque eu tenho para mim que desde que ele começou a trabalhar nessas obras, ele não saiu mais daí ele saía para ir buscar as madeiras.

E1 – *E quando foi que ele veio morar aí, de vez?*

JR – “Apois”, desde que ele chegou, desde que começou esses trabalhos.

E1 – *Mas não foi em 1893 não, em junho? Quando ele veio do fogo do Maceté²⁵?*

JR – Ah, pois, Ele já estava trabalhando aí. Ele vinha com essas madeiras.

E1 – *Sim, mas ele não morava aqui.*

JR – Morava.

E1 – *Ele não estava lá para o lado do Maceté, Tucano, essa zona?*

JR – Não. Ele quando vinha, ele já vinha com essas madeiras do Bendó para aqui.

E1 – *E o fogo do Maceté?*

²³ Vicente Sabino foi Vigário do Cumbe. Visitava regularmente Canudos, onde, inclusive, possuía morada. Na cidade conselheirista rezava missas, realizava casamentos e batizados e exercia todas as funções privativas do seu cargo. Em razão disso foi feito prisioneiro por Moreira Cesar que o submeteu a vários constrangimentos.

²⁴ Fiel seguidor do Conselheiro, Paulo José da Rosa ou Hora (?) foi encarregado pelo mesmo de erguer a Igreja de Santo Antonio, missão da qual se desincumbiu com desvelo.

²⁵ Pequeno povoado hoje pertencente ao município de Quijingue, onde se deu em 1893, um confronto entre conselheiristas e tropas policiais da Bahia. Após esse “fogo”, ocorrido no mês de maio, Antonio Conselheiro rumou para Canudos, aonde teria chegado em junho do mesmo ano, para fixar morada definitiva.

JR – O fogo do Maceté foi que a República entrou. Quando botaram as tabelas o pessoal se revoltou, aí veio soldado, veio o Governo.

E1 – *Mas isso não foi em Natuba²⁶?*

JR – Foi em Natuba O pessoal de lá se juntou e quebraram as tabelas, enrabaram com os soldados. Foi quando veio o reforço da Força que o governo mandou, quando o reforço vinha eles sabiam que o Conselheiro não gostava da Lei da República, vinha do Bendó com essas madeiras com aquele grupo de gente, quando eles estavam descansando, aí eles já vinham correndo para vir para o Canudos como vieram, aí se juntaram com o Conselheiro e foi quando aquele pessoal chegou. Dizem que o Conselheiro fez um risco assim com a bengala e disse: “Não saltem dessa bengala para lá! ”. Deram aí esse fogo que mataram dois policiais.

E1 – *O senhor soube que o pessoal do Conselheiro prendeu o tenente que veio aí para Maceté? Sr. Ioiô me contou que o tenente levou dois dias preso lá no Cumbe e quem tomava conta dele era um negro chamado Simão, vindo de Santo Amaro, o senhor ouviu falar nisso?*

JR – Mas o Cumbe não era uma fazenda, então?

E1 - *Era um vilarejo, não é? Um lugar pequeno.*

JR - Só podia ser muito pequeno. Eu digo que o Cumbe era muito pequeno por isso, porque quando frei Apolônio²⁷ veio da Itália e chegou em Salvador, tiraram ele para vir aqui para a abrir uma Missão de Jeremoabo, naquele tempo só existia Jeremoabo. Naquele tempo só existia Jeremoabo, Jacobina e Vila de Itapicuru, esses lugarzinhos poucos. Então, quando ele terminou a Missão no Jeremoabo, ele veio, tinha aqueles índios no Massacará, ele veio para Massacará abrir uma Missão. Daí o sogro de Ioiô convidou ele para ele vir, não é o sogro é o avô de Ioiô, convidou ele para vir abrir uma Missão em Euclides da Cunha numa fazenda

²⁶ Antigo topônimo de Nova Soure, cidade situada no agreste baiano. Após ser extinta em 1931, foi recriada em 1935, com o nome atual. Neste lugarejo é que ocorreu o célebre episódio da quebra de tabuletas de impostos, manifestação popular contra o fisco estadual, comandada por Antonio Conselheiro e seus seguidores, que reputava injustas tais cobranças contra pequenos comerciantes e agricultores, quando os mesmos vendiam seus produtos nas feiras.

²⁷ Capuchinho italiano nascido no lugarejo de Todi, região da Úmbria na Itália no ano de 1747. Missionário com intensa atividade nos sertões. Foi o construtor das capelinhas que encimam a Serra do Piquaraçá, palco de peregrinações anuais de milhares de sertanejos. Apolônio de Todi faleceu em 1828.

deles, mas aí era seco, não tinha água, ele não abriu a Missão e passou para Monte Santo. O Monte Santo não existia, nesse tempo era Piquaraçá. Pois bem, Antonio Conselheiro ainda trabalhou naquela obra do Monte Santo²⁸.

E1 – *Me diga uma coisa “seo” João, quando Antonio Conselheiro chegou aí para morar, quem é que já morava aí?*

JR – No Canudos?

E1 – *Sim.*

JR – Essa Maria Quitéria. Agora tinha também aqueles fazendeiros como Joaquim Macambira, morava lá, José Ciríaco morava aí na Macambira, minha mãe mais meu pai, meu pai não, meu avô, meu pai era de Mirandela, quando meu pai chegou no Canudos já tinha muita gente. A família de Manoel Ciriaco; Antonio da Mota que morava aí, Diocleciano que morava bem ali naquela ponte diante da Umburana, ele tinha um engenho, Deocleciano, a mulher dele eu conhecia, morreu eu já era casado quando ela morreu, ela chamava até Mariquinha. Já morava muita gente por aí, naquela região.

E1 – *Me diga uma coisa: João Abade, Pajeú esse povo que veio pra luta, Pedrão, veio morar aí quando?*

JR – Depois que o Conselheiro estava aí. Esse povo era tudo desconhecido.

E1 – *Tudo desconhecido.*

JR – Era tudo desconhecido. Pedrão mesmo era da Várzea da Ema²⁹. Pajeú eu nem sei de onde é, por que de primeira eu não me interessava. Se fosse coisa que eu me interessasse saber podia saber de muitas coisas, mas a questão é que eu não me interessava.

²⁸ Antonio Conselheiro realizou inúmeras reformas nas edificações erguidas pelo Frei Apolônio de Todi no século XVIII, ao longo da Serra do Piquaraçá.

²⁹ Povoado onde nasceu Pedrão, situado próximo a Chorrochó, município ao qual hoje pertence. O cangaço também atraiu muita gente do lugarejo. Várzea da Ema era originalmente uma fazenda pertencente ao Coronel Petro, Petronilo Reis, sendo constantemente atacada por Lampião e seu bando, após desavenças com Petro, antigo comparsa e coiteiro de Virgulino.

E1 – *Fora daqui esse povo que veio com Antonio Conselheiro, esse povo era de onde?*

JR – Esse povo veio de toda parte. De Mirandela, meu pai mesmo era de Mirandela, pois bem, deste lado de Pombal, essa costa aí do rio Itapicuru, por aí onde o Conselheiro já tinha feito algumas obras, esse povo despejou tudo para Canudos. Foi onde esses homens cismaram, o Governo cismou, porque era só o pessoal viajando para Canudos. Naquele tempo chovia bem, existia muita grandeza, pois bem, naquele tempo foi quando chegou Antonio Vilanova, que Antonio Vilanova era de Quixeramobim³⁰, mas ele estava morando em Senhor do Bonfim mais o irmão, sabendo que Antonio Conselheiro estava aqui, eles vinham abastecer Antonio Conselheiro com comida e tudo, e foram crescendo, crescendo, crescendo...

E1 – *Me diga uma coisa “seo” João, pelo que o senhor ouviu falar, pelo que lhe contaram seu pai e sua mãe, esse povo vinha para aqui para quê? Vinha atrás de milagres?*

JR – Este povo vinha para aqui, porque você sabe, os fazendeiros naquele tempo eram muito perversos, eles nem pagavam bem e nem tratavam bem dos trabalhadores, só queriam que os trabalhadores ficassem na roça. Aqueles fazendeiros, aqueles capitães, mas o povo vinha para aqui, sempre eles tinham aquele apoio, o Conselheiro mandava aqueles pobres que chegavam, ele ajudava a fazer as casas. Meu pai mesmo era carpinteiro, a vida dele no Canudos era trabalhar, fazer casa, aquelas casinhas.

E1 – *Essas casas eram feitas de quê?*

JR – Eram feitas de enchimento. Armavam a casa, faziam um quadro, enfiavam a cumeeira, os paus todos, quando acabar enfiava, varavam e enchiam de barro, enchiam aquelas paredes todas de barro, quando acabava envarava com caroá, cipó, muitos lugares com couro de boi, que naquele tempo couro de boi não dava dinheiro, eles passavam a mão e iam tirando aquelas correias para envarar.

E1 – *Seu pai trabalhava de carpinteiro?*

³⁰ Os irmãos Vilanova, de batismo Antonio e Honório Assunção, eram cearenses do Assaré. Estabeleceram-se como comerciantes em Vila Nova da Rainha, atual cidade de Senhor do Bonfim, atraídos pelas boas possibilidades de negócios naquele lugar. Com o crescimento populacional e fortalecimento do comércio na “urb conselheirista”, transferiram-se para Canudos, levando com eles o topônimo da Vila onde residiram anteriormente.

JR – Era.

E1 – *Aí, tinha muita gente trabalhando de quê aí? Ferreiro?*

JR – Tinha ferreiro, tinha aqueles que tinham sua profissão, uns trabalhavam de fazer casa, outros trabalhavam de tirar madeira e vender, outros trabalhavam em roça.

E1 – *Tinha roça de quê, Sr. João?*

JR – Era de pegar no pé de milho e entortar, porque naquele tempo chovia muito e aí naqueles altos mesmos dava legumes.

E1 – *Naqueles altos aonde, o senhor fala?*

JR – Ao redor de Canudos. Naqueles baixados, tudo quanto era aqueles baixados ali era roça. Naquele riacho era canavialzão, era bananeiralzão, existia muita grandeza.

E1 – *E quando o povo começou a ficar aí, o povo já pensava na Guerra, pensava que o governo vinha para aqui?*

JR – Ah! Não pensava nisso não.

E1 – *Pensava não.*

JR – Aí eles não pensavam não. Aí eles não pensavam nisso.

E1 – *E como é que povo soube que os soldados estavam vindo para o Uauá?*

JR – Porque foi quando Antonio Conselheiro mandou comprar aquelas madeiras, Joaquim Macambira foi, comprou as madeiras e pagou.

E1 – *Comprou a madeira na mão de quem?*

JR - Na mão de um negociante em Juazeiro.

E1 – *É o coronel Janjão*³¹?

JR – Não.

E1 – *O coronel João Evangelista?*

JR – Não. Esse coronel João Evangelista ajeitou para ele comprar essas madeiras, que era um negociante, de Juazeiro. Entonce as madeiras de cedro para janela e porta ele trouxe, e as madeiras que é essas linhas grandes, que é essas que ficou para ele vir trazer aqui, mas foi quando teve esse Juiz em Juazeiro, que foi juiz em Bom Conselho, teve lá uma dúvida com Antonio Conselheiro. Aí ele passou as mãos e prendeu as madeiras, mandou as madeiras não vir. Aí então o Conselheiro mandou uma carta ou um portador, dizendo que se não viesse trazer as madeiras que ele ia buscar, que estava precisando da madeira, aí o juiz mandou um telegrama ou uma carta para Prudente de Moraes...

E1 – *Para Prudente de Moraes ou para Luís Viana?*

JR – O Presidente.

E1 – *Quem era esse juiz? Era Arlindo Leone?*

JR – Era o de Juazeiro.

E1 – *Ele mandou a carta não foi para Luís Viana não, o governador?*

JR – Ah! Foi para Luís Viana. Que mandasse “fornecimento” para Juazeiro, que Antonio Conselheiro queria invadir Juazeiro, aí ele mandou oitenta praças, já tinha cinquenta, fez centro e trinta, inclusive um médico e dois guias, foi quando eles vieram. Aí esse povo do Conselheiro andava pelo mundo, eles sabiam que eles vinham aí foram encontrar no Uauá. Foi a primeira derrota.

³¹ João Evangelista Pereira de Melo era abastado comerciante em Juazeiro da Bahia. A ele foi encomendada e antecipadamente paga a madeira que iria servir na construção da Igreja do Bom Jesus, erguida pelo Conselheiro e seus auxiliares em Bello Monte. A não entrega da encomenda gerou o tal “incidente desvalioso”, ao qual se refere Euclides da Cunha em seu livro clássico, resultando no envio da Expedição Pires Ferreira, que teve como resultado o Confronto de Uauá.

E1 – *Aí agora o senhor vai me contar uma estória. E porque é que mandaram matar o pessoal de Mota?*

JR – Agora aí é que não sei. Uns dizem, mas não é estória certa não, que foi porque Antonio Vilanova comprava couro, pele de bode para Juazeiro, e Antonio da Mota comprava couro de bode para Feira de Santana, tinha contato em Feira de Santana, entonce é conversa, não foi meu pai que contava, não foram pessoas, foi conversa que eu ouvi contar. Aí entonce, uns dizem que foi o Conselheiro que mandou. Antonio da Mota ficou doente, trouxeram ele baleado para a fazenda dele aí na Umburana, aí para Umburana, que esse homem parece que, diziam que ele tinha hóstia no corpo e não sei o quê, conversa do povo. Aí diz que o Conselheiro dizia: “Minhas gentes arredem da porta desse homem! Ô asa vocês deram para o inimigo! Isso aqui vai se acabar, porque vocês fazem uma injustiça dessa!”. Cansaram de ouvir o Conselheiro dizendo isso na porta onde ele habitava.

E1 – *Agora tem uma estória de que foi ele que mandou avisar aos soldados lá no Uauá, que o pessoal de Antonio Conselheiro estava indo daqui para encontrar lá no Uauá, não é não?*

JR – Saiu essa estória, aí eles maldaram isso. Os jagunços tinham muita gente perversa. Eu sei que esses, contava Paulo Monteiro³² que esse que matou esse pessoal, disse que ele saiu daí de Canudos, um dia de noite, vestindo uma roupa de mulher, e saiu com uma trouxa de pano como quem ia lavar para poder sair, para que não matassem ele.

E1 – *Me diga uma coisa João: ainda antes do Uauá um pouco, mas nesse tempo aí em Canudos tinha o quê? Tinha professora, tinha escola?*

JR – Tinha professora, era aqui perto da Natuba, e desse meio daí que tinha a professora.

E1 – *Nesse tempo o Manoel Quadrado³³ já estava aí?*

JR – Já.

³² Antigo morador de Canudos. Pequeno proprietário rural. Possuidor de grande saber sobre a história do lugar e da gente canudense. Faleceu na sua cidade aos 99 anos.

³³ Caboclo das beiradas do São Francisco. Informa a tradição oral haver ele nascido em Chorrochó, Bahia. Era o *Tratador do Conselheiro*, sendo profundo conhecedor das plantas medicinais da caatinga, razão pela qual gozava de grande respeito e admiração junto ao povo canudense.

E1 – *Manoel Quadrado era caboclo, não era?*

JR – Era.

E1 – *De onde “seo” João?*

JR – Aí agora é que não sei, mas diz que era acaboclado.

E1 – *Tinha muito caboclo aí dentro?*

JR – Aí eu não sei, se já tinha muito caboclo.

E1 – *Mas dizem que os índios ajudaram a carregar as madeiras aí.*

JR – É. Ajudavam. De Cícero Dantas, de Mirandela, de Massacará, tinha muitos aí que ajudaram a carregar madeira.

E1 – *Seu pai era caboclo também?*

JR – Não. Meu pai era moreno, mas não era caboclo não.

E1 – *“Seo” João, me diga uma coisa: depois do Uauá, como é que foi, o povo ficou aqui assustado? Antes disso: quem foi daqui comandando o povo lá para o Uauá?*

JR – Uns dizem que foi Quinquim do Coiqui, que era avô de Paulo Monteiro. Quinquim do Coiqui e outros, mas eu não tenho certeza quem ia comandando.

E1 – *Agora lá foi um acabamento, morreu muita gente, não é verdade?*

JR – Só morreram sete soldados, o médico e dois guias. Agora, dos daqui foi um acabamento, porque naquele tempo eles não tinham armamento nenhum, eles brigavam era de chuço, era de foice, facão, de pedra. Os bacamartes que tinham era muito pouco, poucos tinham espingardas, o mais não tinha.

E1 – *Depois do fogo do Uauá como é que ficou o povo em Canudos?*

JR – Aí o povo já ficou vigiando. Porque com as notícias que a Força vinha eles já iam esperar de longe. Como andava uns boiadeiros aqui contando gado e iam passando dois soldados de Juazeiro para Capim Grosso³⁴, aí eles pegaram os soldados e trouxeram aqui para Canudos, essa era estória que meu pai e meu avô contavam. Aí foram levar os dois soldados ao Conselheiro: “Olhe aqui dois soldados do Governo que nós trouxemos”. Então o Conselheiro perguntou: “Me digam uma coisa, o que é que esses homens já fizeram a vocês? Vão procurar quatro cavalos, peguem dois rapazes de confiança e vão botar esses dois soldados aonde vocês acharem”. Eles então disseram: “Mas nós queremos ficar com as armas, com as manulinha”. Eles ficaram com as duas manunlichas, por isso que quando vieram os fogos, os jagunços já tinham aprendido a atirar.

E1 – *No fogo do Cambaio³⁵, com Febrônio, o povo estava lutando com que armas?*

JR – Eles já tinham essas Manulinhas³⁶. No fogo do Uauá, dos soldados que mataram eles arranjaram mais algumas, com as duas que eles já haviam pegado antes todos já tinham aprendido a atirar. Quando eles matavam um soldado já sabiam. Quem ficou com essas duas era um tio meu, ele se chamava José Guerra e um filho de Joaquim Macambira. No fogo do Uauá eles arranjaram mais algumas. Tinha algumas pessoas, como tinha aqui em Santa Luz, naquele tempo era Santa Luzia, um coronel chamado José Leitão, esse coronel gostava muito do Conselheiro, fornecia couro, mantimentos de comida, armamento, manunlichas e combleias³⁷ e um tal de “chuchu”. O chuchu era uma espécie de espingarda de cartucho de um tiro só, a bala dela é como uma bala de revólver, mas é grossa, a bala é curta e grossa, a combléia a bala é grande. Eram essas armas que em Canudos tinha muito. A casca da bala da combléia é conhecida porque é grossa, a gente achava muito casca de bala de combleia. Naquele tempo já existia o fuzil, mas era muito pouco, no meio das balas que a gente arranjava a do fuzil era mais fina que a do manunlichas.

³⁴ Município situado na região de Juazeiro.

³⁵ Confronto entre as tropas da 2ª Expedição Militar, comandada pelo Major Febrônio de Brito e os conselheiristas. Muito embora sofressem pesadas baixas os canudenses causaram forte impressão no Oficial Comandante fazendo com que o mesmo optasse pela retirada dos seus comandados. Ganhou, por esta decisão, o epíteto de “Major Fúção”.

³⁶ Corruptela de Mannlicher. Arma criada pelo engenheiro austríaco Ferdinand Ritter von Mannlicher e largamente utilizada pelo Exército Brasileiro durante a Guerra de Canudos.

³⁷ Designação popular para o rifle Comblain utilizado pela Arma de Infantaria do Exército Brasileiro e inventado por Hubert-Joseph Comblain de Liège, Bélgica e produzido em várias variantes conhecidas como o Comblain brasileiro, chileno ou belga.

E1 – *Quer dizer que no fogo de Febrônio também morreu muita gente?*

JR – Morreu. No fogo do Uauá só morreu dez soldados.

E1 – *Então, porque Febrônio correu?*

JR – Ele teve medo, lá no fogo brigaram todos, voltaram e vieram para a Lagoa do Sangue. Aí ele viu a disposição daqueles homens desarmados querendo matar de cacete, outros de facão, outros com o machado, os que tinham espingardas eram muitos poucos, nem todos eram de espingardas, aí parece que ele conheceu que não vencia a guerra.

E1 – *Como se chamava a Lagoa do Sangue antes do combate?*

JR – A Lagoa do Sangue chamava Lagoa do Cipó, mas depois quando tiraram o mapa da Fazenda Canudos, entonce a fazenda Canudos partia da Serra Pique, a fazenda Canudos que era dessa baronesa, quando tinha o nome dessa fazenda, partia a fazenda Canudos da Serra Pique ao *Chão Talo*, do Chão Talo partia rumo direito a Braúna Furada, da Braúna Furada, rumo direito a Serra da Barreira, da Serra da Barreira rumo direito a Lagoa de Maracujá, é ela, o nome era Lagoa do Cipó, mas botaram rumo direito a Lagoa do Maracujá, da Lagoa do Maracujá rumo direito ao Posto da Gangorra que fica de junto da Serra do Cambaio, aí rumo direito do mesmo ponto a Serra do Angico, aí ficaram chamando Lagoa de Maracujá, depois agora Lagoa do Sangue, morreu tanto que quando choveu a água ficou vermelha, ficou o nome Lagoa de Sangue.

E1 – *E quem tirou aqueles corpos de lá?*

JR – Foram os mesmos jagunços. Eles tiraram foram enterrar ali onde tem uma cruz, porque ali um chão era duro e lá era uma terra de sal, a terra era...

E1 – *Salgada?*

JR – Sim, salgada.

E1 – *E o Moreira César “seo” João? Que foi ficar lá perto da sua porta?*

JR - O Moreira César até aquela data... Renato Ferraz andava por aqui, conversava com Mané Ciriaco, conversava com José Ciriaco e com esse pessoal, com Pedrão, e daquela ocasião que tinha tanta gente, mas daquela ocasião eu sempre viajava aqui fazendo serviço para trabalhar numas minas, eu não ligava nada daqui. Quando foi um dia chegou Dionísio. Aí disse: “Seo João Régis eu vim aqui porque me disseram que Moreira César tinha sido enterrado aqui na sua porta”. Aí eu disse: “Olha, Moreira César não foi enterrado, Moreira César foi queimado”. Ele disse: “Não, Moreira César foi enterrado, porque Pedrão disse ao professor José Calasans que tinha enterrado o cadáver do coronel Antonio Moreira César, e eles querem fazer uma obra e querem uma certeza do lugar aonde foi”. Eu digo: “Olhe, pois eu vou lhe dizer, Moreira César não foi enterrado, foi queimado, porque isso eu afirmo porque eu ainda conheci o *imbuzeiro*, e eles contam que ele morreu no Alto do Mário, ele e Tamarindo, entonce eles iam levando eles para enterrar na fazenda Rosário, mas foi quando eles ficaram com aquela muniçãozinha e aquelas coisas, eles vieram, os jagunços, chegaram aqui deram fogo, aí os que traziam Moreira César largaram ele aí no chão, aí passaram foram acompanhar Tamarindo, lá tomaram Tamarindo, lá cortaram Tamarindo, mas lá tinha um freguês por nome Caetano que morava assim perto, aí enterrou. E Moreira César secou, ficou largado no chão, secou. Passado uns tempos os jagunços vieram, pegaram ele e encostaram num pé de imbuzeiro, ele ficou. Ele tinha um anel e uma joia no dedo, que quem passava de longe, por um caminho que tinha ali, quem via dizia: “olhe, olhe o brilhante de Moreira César, de longe via aquela tocha. Depois que ele estava encostado outros passaram e derrubaram e ele ficou no chão, foi quando Chiquião que era tio da minha esposa, eu conheci muito, foi ele quem me disse que queimou, mais o finado Valério Pai de João Guerra, e o finado Nicolau que iam passando e disseram: “vamos queimar”! Aí juntaram uns bagaços de imburana, aí jogaram em cima do corpo e queimaram que não sobrou nada.

E1 – E quem matou Moreira César?

JR – Moreira César? Há muitos depoimentos. Eu mesmo tenho um livro que tem quatro depoimentos. Um é o de Eutímio do Rosário. Quem matou Moreira César foi um soldado. Ioiô da Professora dá outro depoimento que quem matou Moreira César foi um soldado. Renato Ferraz também dá outro depoimento que ele estando no Maceté, um freguês por nome Henrique contou a ele que quem matou Moreira César foi um soldado. O depoimento que eu dei e que está no livro é o seguinte: aqui em frente tinha um Jeromão, esse Jeromão - o

clavinote³⁸ desse Jeromão foi vendido há pouco tempo - o pessoal dele, eu ainda conheci esse clavinote dele, esse Jeromão ele disse que fazia, – porque Moreira César disse que era encantado –, disse que era, ele passava a mão e fazia bala de couro de boi, pegava o couro de boi arredondava e fazia bala, pegava, cortava ponta de novilho, a pontinha, fazia bala para botar no clavinotão. Disse que quando eles estavam na trincheira, disse que eles diziam, isso eu ouvi outros contarem, José Ciriaco, e outros contavam, quem estava na trincheira dizia: “atira Jeromão! ”. Aí disse que Jeromão dizia: “Não é tempo”. “Lá vem o homem, o homem é o cão, atira Jeromão! Não é tempo!”. Quando ele subiu a ribanceira do rio e disse: “Viva a República brasileira!”, de dentro de Belo Monte diz que ele disparou o clavinotão, quando disparou o clavinotão diz que ele deu aquela guinada na sela e soltou a rédea do cavalo, aí foi que os outros chegaram e pegaram e levaram ele para a tenda branca.

E1 – *Aí começou uma correria danada, não foi?*

JR – Aí, pronto. Depois que ele morreu passou o comando a Tamarindo, mas os jagunços já com aquele armamento, com aquela coisa que tinha, aí criaram...

E1 – *E os médicos que desapareceram aí?*

JR – Aí foi que morreu foi muitos médicos, muita gente mesmo. Agora, Ioiô da Professora ele conta, que Moreira César mandou matar aqueles médicos, eu já vi Ioiô da Professora contar, que quando Moreira César embarcou em Salvador, aí ele disse, disse que a viúva estava na calçada e disse: “Vai infeliz, vai, tu vai para Canudos, mas eu tenho fê em Deus que tú vai, mas não volta”. Isso é o que Ioiô da professora fala.

E1 – *Depois de Moreira César, “seo” João?*

JR - Foi Arthur Oscar. Pois bem, Moreira César tinha capacidade de ter vencido Canudos, porque se assim como ele chegou, dormiu no Rancho do Vigário³⁹, 19 quilômetros para Canudos, saiu cinco horas e chegou duas horas da tarde, pois bem, o que ele devia ter feito: tentado descansar a força e deixado para atacar no outro dia. Foi quando ele disse: “Tenho que

³⁸ Arma de fogo muito utilizada pelos sertanejos à época. Também conhecido como clavina.

³⁹ Fazenda situada no antigo caminho entre o Rosário e Canudos. No local passaram o Coronel Moreira César e os seus comandados.

amarrar meu cavalo no Santuário do Conselheiro hoje”. Ora, um soldado que, um pobre que vem carregado com fuzil chega para pegar aqueles que estão descansados, tinha razão de...

E1 – *Ele morreu descendo do Alto do Mário lá para baixo, não foi? O Moreira César?*

JR – Não, Moreira César, ele morreu mesmo no Alto do Mário, foi, foi isso.

E1 – *Ele desceu do Alto do Mário para a Fazenda Velha⁴⁰, desceu para a briga, não é isso?*

JR – Não, ele foi baleado lá e trouxeram ele para...

E1 – *Para o Alto do Mário, para a Fazenda Velha, não foi não?*

JR – Do Alto da Favela chamado para o Alto do Mário.

E1 – *Agora me diga uma coisa “seo” João, porque Alto do Mário?*

JR – Aí é que eu não sei. Uns dão o nome de Alto do Mário, outros dão o nome de... o nome que eu alcancei foi Alto do Mário.

E1 – *“Seo” Ioiô, me contou que o pai dele conheceu um rapaz que morava ali e que se chamava Zé Mario, e que quando ele morreu começaram a dizer: “O Alto do Zé Mário, Zé Mário, Zé Mário”, e ficou Alto do Mário. O senhor já ouviu falar isso?*

JR – Eu nunca ouvi falar isso, nem daqueles mais velhos, nunca. Manoel Ciriaco, Zé Ciriaco velho, o pai de Zé Ciriaco novo.

E1 – *Ninguém chamava? Zé Ciriaco chamava como?*

JR – Alto do Mário, todo mundo era Alto do Mário.

⁴⁰ O fotógrafo, e pesquisador Claude Santos, recentemente falecido, elucidou as dúvidas que existiam sobre a localização desses locais. O Alto da Favela é a elevação situada após o Vale da Morte. O Alto do Mário localiza-se um pouco abaixo do Alto da Favela. Quanto a Fazenda Velha, local onde faleceu Moreira César, encontra-se próximo a localização da Canudos Conselheirista. Todos os locais estão sobejamente identificados dentro do Parque Estadual de Canudos.

E1 – *E me diga uma coisa, onde é o Alto da Favela?*

JR – Apois, ainda eu lhe digo que eu não posso dizer aonde é o Alto da Favela, porque se Moreira César disse, está na história do livro de Moreira César⁴¹, o Alto da Favela é no Alto do Mário, por detrás do Alto do Mário, mas como pode ser se Moreira César saiu do Rancho do Vigário cinco horas, duas da tarde chegou no Alto da Favela e ali estendeu a lona onde ficaram os médicos e os enfermeiros, pois bem, quando ele foi baleado trouxeram ele e Tamarindo para ali para o Alto da Favela, mas quando viram que ali estava muito perto da rua, arribaram para o Alto do Mário que ficava mais longe. Lá foi onde morreram todos dois, Coronel Tamarindo e o Coronel Antonio Moreira César.

E1 - *Mas o senhor dizia que Moreira César perdeu a luta porque deu muita carreira para chegar aí, não é?*

JR – Se ele chega, assim quando ele chega, ele vem também mais devagar, mas ele queria entrar assim a peito, se ele faz como Artur Oscar, Artur Oscar quando veio fez acampamento no Alto do Mário, lá fez acampamento, botou àquela peça grande, ela mais para ali...

E1 – *A “Matadeira”?*

JR – A Matadeira. Eu alcancei ainda, parecia duas cavas de cesta, diziam que eles puxavam ela, quando ela disparava diz que ela afastava, que ela era em riba da carroça, não tiraram ela em riba do carro de boi. Está provado que no Angico⁴², quando eles vinham voltando com ela, lá numa ribanceira num riacho o carro de boi pendeu, aí quebrou o eixo, aí ela ficou muito tempo, lá no Angico, foi quando o doutor trouxe ela do Angico, ficou muito tempo lá. Artur Oscar tinha as horas dele atirar, tinha as horas daquela peça atirar, tinha vez daqueles canhões atirar, mas ele queria chegar e entrar!

E1 – *Moreira César?*

JR – É. Moreira César.

⁴¹ O depoente provavelmente se refere a obra de Oleone Coelho Fontes “*O Trem- Terra, Moreira César e a República de Canudos*”, cuja 1ª edição, publicada pela Vozes, veio a público em 1996.

⁴² Angico – Planta nativa da caatinga. Usada na medicina popular. Nome científico. A casca transformada em xarope é comprovado expectorante.

E1 – *Me diga uma coisa “seo” João, e a história da degola?*

JR – A degola, o povo conta que sobrou quatro pessoas, mas minha mãe e minha avó não contavam que viram essas quatro pessoas que sobraram. Elas contavam que teve um que escapou, esses elas viram. Elas ficavam dentro do rio e os homens também. Quando foi um dia levaram o freguês amarrado, o freguês com as mãos amarradas para atrás das costas, disse que tinha assim um serrotzinho que era onde descia, tinha uma vereda, e tinha estes e os matos comiam por riba e o gado descia para vim beber água, aí ele correu e então sabia da vereda e então saiu lá, ele correu foi tirar as costas na Canabrava.

E1 – *Me conta uma coisa “seo” João: depois que acabou isso tudo aí, ficou esse povo todo aí sem enterrar, quem foi que enterrou esse povo aí? Dizem que era uma fedentina danada, não é?*

JR – Quem veio enterrar esse povo foi Ângelo dos Reis⁴³, um grande fazendeiro aqui de Várzea da Ema, entonce ele matou uma vaca e retalhou, comprou oitenta litros, uma carga de cachaça de oitenta litros, que naquele tempo cachaça era em barril, um barril era quarenta litros de cachaça, aí veio de lá com carga de farinha e tudo, entrou aí uma caravana de gente, aí eles faziam aquelas valetas, dizia Zé Ciriaco, Mané Ciriaco e os outros, faziam aquelas valetonas e ajuntavam as pessoas. Aquela cachaça era para eles beberem “mode” a fedentina.

E1 – *Me diga uma coisa “seo” João, seu pai e sua mãe escaparam como dali?*

JR – Como eles escaparam? Meu pai mais minha mãe por uma providência. Canudos já estava esgotado, porque o Conselheiro morreu no dia 22 de setembro...

E1 – *Morreu de quê?*

JR – Morreu, disse que deu uma diarreia.

E1 – *Não foi de bala não?*

⁴³ Ângelo dos Reis – Na afirmação do historiador José Calasans “fazendeiro abastado e generoso, proprietário da Fazenda Formosa, distante 10 léguas de Canudos”. *Outras Figuras de Belo Monte*. Trecho extraído livro *Quase Biografia de Jagunços – O Séquito de Antonio Conselheiro*. A obra foi inicialmente publicada pela EDUFBA, através do Núcleo de Estudos Baianos.

JR – Não foi não. Pois bem, tem gente que teima que o Conselheiro não morreu, mas eu digo que o Conselheiro morreu porque naquele tempo, aquelas pessoas mais velhas, como bem Zé Ciriaco, Mané Ciriaco, Jeromão e milhares deles, Zé Macário, muita gente que sobrou da guerra, pois bem, aqueles que viram que o Conselheiro morreu. Só tinha a estrada de Uauá aberta. Minha mãe cansa de contar que os soldados se deitavam ali onde tem aquela “estátua” e gritavam: “Dona Pimpona! ” –Dona Pimpona era mulher de Honório Vilanova –: “Para que é boi no “curráli?” “Boi no curráli é pra faca”. Aí os soldados respondiam: “Boi no curráli é pra faca ou então é pra capar”. Diz: “Olhe, vão embora que só tem a estrada de Uauá aberta! ”. Entonce, os que enterraram Antonio Conselheiro, por isso que eu digo que é uma prova que ele foi enterrado, Zé Ciriaco e esses outros, eles e Mané Ciriaco, esses, Antonio Vilanova, Honório Vilanova passaram, esses que escaparam, que escapou foi muita gente, mas deixa que meu pai mais meu avô não souberam que o Conselheiro tinha morrido, aí eles se viram para morrer de fome, aí passaram a mão e disseram: “Vamos procurar o que nós comer? ”. Aí saíram de noite na estrada de Uauá, meu pai, meu avô e um tio por nome Odilon, aí chegaram na “bêerre”, lá arranjaram o que comer aí voltaram, quando voltaram, chegaram os soldados tinham tomada a estrada de novo, aí voltaram para trás, foram ficar aqui na baixa das Imburanas, que tinha uns conhecidos que já tinham fugido, como Antonio Barriguda tinha saído mais outros. Aí deixa que minha mãe mais minha avó aí foram presas, quem tomava conta desse pessoal era aquele jornalista Lélis Piedade⁴⁴, entonce o Lélis Piedade arranjou emprego para elas, mas elas disseram que queriam voltar e que sabiam que os maridos não tinham morrido, porque elas estavam dentro, elas saíram e vieram para o alto, os que estavam depois que fechou que eles pegaram eles mataram todos, e os maridos eles não mataram, elas sabiam que eles saíram e não entraram mais, sabiam que eles estavam vivos, como de fato voltaram. O Dionísio foi quem levou o professor José Calasans⁴⁵ lá em casa, aí quando levou eu mostrei aquele documento que ele deu, Lélis Piedade, pois bem, esse documento ficou a mão de minha mãe, de minha avó, quando minha avó morreu ficou na mão de minha mãe, quando minha mãe morreu ficou na mão de um irmão meu, aí depois eu mostrei ao professor José Calasans, aí ele disse que era o melhor dia de Canudos, porque ainda tinha aquele documento, daquele tempo.

⁴⁴ Amaro Lélis Piedade foi farmacêutico, formado pela Faculdade de Medicina da Bahia. Trabalhou no Diário de Notícias até 1886 e posteriormente no Jornal de Notícias. Foi ainda eleito para a Assembleia Estadual Constituinte de 1891, sendo reeleito para outros dois mandatos. Foi secretário do Comitê Patriótico da Bahia. E nesta condição forneceu o documento a que se refere João de Régis, ou seja, o salvo conduto para seus familiares retornarem a Canudos. Lélis Piedade faleceu em 1908.

⁴⁵ CALASANS, José. (1915-2001). Professor, historiador, escritor e pesquisador. Nascido em Aracaju, Estado de Sergipe, porém, construiu a maior parte da sua carreira acadêmica e intelectual em Salvador, cidade onde faleceu.

E1 – *E me diga uma coisa “seo” João, sua mãe foi presa para Salvador, foi?*

JR – Foi presa, minha mãe e minha avó.

E1 – *Depois voltaram para aí?*

JR – Aí sabiam que os maridos não tinham morrido porque estavam fora, voltaram para encontrar com os maridos.

E1 – *Voltaram para aonde, para as Umburanas mesmo?*

JR – Para as Imburanas, sim senhor, para as Imburanas mesmo.

E1 – *Me contaram uma estória, que o coronel José Américo Camelo⁴⁶, logo depois que terminou a guerra, que era amigo do Barão de Jeremoabo, andou catando o pessoal aqui para matar, é verdade?*

JR – É verdade. Esse Pedrão mesmo correu para Pernambuco, depois de muito tempo que ele voltou em liberdade. Tanto José Américo, como Cícero Dantas, Barão de Jeremoabo, catava jagunço para matar. Por isso que aquele negócio do Canudos, aquilo fica encoberto porque ninguém não queria tocar no assunto.

E1 – *Por quê tinha medo?*

JR – Tinha medo demais, tinha.

E1 – *Venha cá “seo” João, esse pessoal que começou a construir a segunda Canudos, chegou por aí quando?*

JR – Começou a chegar depois, o coronel José Américo foi muito ruim e logo depois se tornou bom. Naquele tempo era município de Monte Santo, entonce bem de junto daquela ponte perto das Umburanas vinha uns praianos do rio, de lá dessas terras, vender farinha, feijão, essas coisas, aí depois pediram para fazer uma feira, aí tinha um coronel Janjão de

⁴⁶ Cel. José Américo Camelo de Souza Velho – Primo e correligionário político do Barão de Jeremoabo. Inimigo público de Canudos, sendo um dos fornecedores de mantimentos para o Exército Brasileiro, durante a Campanha de Canudos. Sua patente advinha da Guarda Nacional. Está sepultado na Igreja de Maçacará.

Macedo que naquele tempo era o Intendente, e não tinha prefeito, tinha era o Intendente, ele era o Intendente de Monte Santo, foi quem deu liberdade para tornar a começar Canudos. Ele tinha uma grande fazenda aqui perto, do Pasto dos Bois aqui para cima, aí foi ele quem começou a fazer aquela igreja de Santo Antonio, esta derradeira, foi quem começou, foi ajudando aí Canudos tornou...

E1 – *Será que o senhor sabe em que ano foi que começaram a voltar para aí?*

JR – Eu não sei e sabendo que foi logo, não demorou muito porque logo que meu pai veio e se juntou mais minha mãe, entonce veio ser vaqueiro desse coronel Janjão de Monte Santo, e eles dizem que, muita gente diz que minha idade foi aumentada, por isso eles dizem que eu tenho noventa e quatro anos, porque foi aumentada, mas eu digo que não foi aumentada porque esse coronel Janjão de Macedo tinha essa fazenda aí e meu pai foi ser vaqueiro dele, ali onde eu moro mesmo, não é o mesmo porque a casa era mais para lá e mudou para cá, aí foi ele que me batizou. Quando foi para tirar meus documentos, foi tirado no batistério do Monte Santo, e o pessoal mais velho tinha isto, aí se batizava ele dava aquela idade certa, por isto que digo que a minha idade não foi aumentada, porque se não fosse uma certeza não dava, mas foi ele quem me batizou.

E1 – *A gente estava conversando sobre um assunto, mas aí eu me lembrei da estória da escola, tinha escola aí em Canudos depois de construída não tinha?*

JR – Depois de construída. Domingos Dantas de Brito, ele era o mandatário aqui de Canudos, entonce pediu, Juraci Magalhães era o Governo⁴⁷, aí ele pediu uma professora formada, foi a primeira professora formada, aí ele mandou.

E2 – *Como era o nome dela? Lembra o nome dela “seo” João?*

E1 – *O senhor lembra o ano?*

⁴⁷ Após a Revolução de 1930, Juraci Montenegro Magalhães foi nomeado Interventor Federal na Bahia no período de 1931 a 1937. Voltou a governar o Estado, agora eleito pelo voto popular, de 1959 a 1963.

JR – Agora não me lembra do ano, me parece que o nome dela era Geraldina, pode ser, fosse um dia que João Botão ou outras pessoas mais velhas se lembrasse, a mulher de João Botão é bem fácil se lembrar que ela é lembrada.

E1 – *E Lampião?*

JR – Lampião passou aqui no Rio de Pedra e daqui do Rio de Pedra ele cortou, teve aqui na Barriguda...

E1 – *Na Várzea da Ema ele não teve não?*

JR – Ah! Na Várzea da Ema, ele queimou Várzea da Ema. Primeiro quando Lampião veio para aqui, ele, em 1928, Lampião passou o rio para a banda de cá, aí ele escondeu-se aqui na Várzea da Ema, aqui para dentro o coronel Petro⁴⁸ escondeu ele aí, entonce ele, botou ele aí dentro de uma sacada e ficou fornecendo, aí avisou ao Sargento Bigode de Ouro que viesse matar Lampião, que Lampião estava com seis homens aí dentro de uma sacada, que estava na hora de vir matar Lampião. Aí, mas Lampião era vivo, ele tinha um “espia”, foi quando eles disseram, o cabra chegou a gritar: “Lampião, cuidemos nós que vem de “macaco” aí que chega vem “negrejado”. Aí eles lá cortaram, passaram aqui no Canché, chegaram no Canché arranjaram aí uns animais, foram para o Rosário, quando chegaram no Rosário. Eu só não me achei nesse dia, só não vi eles, porque eu tinha um animal e o animal saiu da roça e eu não fui nesse dia. Aí quando eles chegaram lá eles disseram: “Zé Roxinho – que era um negociante - tiraram, ele tirou duas notas de quinhentos e disse: olhe, isso aqui é para nós beber e comer daqui até amanhã, porque nós vamos fazer aqui uma festa. Aí disse: “olhe, quando, se esse dinheiro se acabar você não dar, não gasta um tostão, me diz para eu repor esse dinheiro”. Aí tocou mandar matar bode, e a festa rolou aí, quando foi no outro dia o dinheiro que gastou Zé Roxinho me contou (**risos**), foi oitocentos mil réis, naquele tempo era mil réis. Aí ele alugou seis animais, disse: “esqueça esse dinheiro que vai ter que mandar para atrás”. Aí foi um senhor por nome Chico do Cantil levar eles em Euclides da Cunha, quando chegaram em Euclides da Cunha ele foi no quartel e prendeu os soldados, tomou as armas e voltou e disse: “olhe, não se movam que eu não quero bulir com ninguém”. Aí, o padre Berenguer estava celebrando missa aí, aí eles disseram: “é para o senhor ir, vá celebrar missa, que é para o

⁴⁸ Cel. Petronilo de Alcântara Reis foi poderoso latifundiário e chefe político, senhor de numerosas propriedades, entre elas a fazenda Várzea da Ema. Acoitou Lampião nos seus primeiros dias baianos, para o trair posteriormente, despertando a ira do cangaceiro que atacou e destruiu inúmeras propriedades do coronel.

senhor ir nos levar em Tucano”. Aí eles assistiram a missa – por sinal tinha um chofer deles que ele era aqui de Canudos, por nome Antonio de Jonga, que ele era contratado – esse Antonio, ele mesmo me contou que ele tinha saído, quando ele vinha, ele gritou: “olhe rapaz, sabe com quem está conversando? ” Ele disse: “não”. Ele disse: “Me dê esse fuzil”. Ele disse: “Ah, não dou não! ” (Risos). “Você não dá, mas eu lhe tomo”. “Ah, esta é outra conversa, se o senhor me tomar, porque eu não vou lhe dar o que não é meu”. Aí ele disse: “ É. Abra tudo logo, cabra bom, muito bem! Mas me dê o fuzil para eu botar mais os outros. Quer ir mais eu? Vamos mais eu”. “Não, não vou não”. Aí levou o fuzil, botou lá, aí foram para a igreja, assistiram a missa mais os cabras, aí foram no carro do Berenguer⁴⁹ para o Tucano, quando chegaram no Tucano tinha um caminhão, aí eles despacharam o padre, pegaram o caminhão e foram para Pombal.

E1 – E venha cá “seo” João, é verdade essa estória de que Pedrão foi brigar com Lampião?

JR – É. Ele foi contratado. Ele disse a Dr. Canteiro que depois da Guerra do Canudos, trinta anos, não era para Lampião. Contratou-se porque tinha o espírito de brigar, mas nunca brigou. Mas, muitas vezes vi ele andando de “volante”.

E1 – O senhor viu?

JR – Pedrão? Milhares de vezes!

E1 – O senhor conversava muito com ele “seo” João?

JR – Nunca conversei com ele. Me dava. Tive em festas na casa dele aí no Canudos, que ele botava festa, mas nunca, ele não me interessava, não sei o que era aquilo. Aí, bom, apanharam um caminhão, em Pombal eles tiraram retrato, de Pombal foram para Cícero Dantas, entonce em Cícero Dantas deixa que Bigode de Ouro⁵⁰ vem no “aceiro” dele, atrás, quando em Cícero Dantas ele comprou um burro, veio um senhor montado num burro, entrou na rua, o burrão de

⁴⁹ Francisco Cesar Brerenguer foi pároco de Monte Santo, onde exerceu expressiva liderança religiosa e política. Conservador e severo desfrutava de grande prestígio e respeito da população. Hoje nomeia a principal praça da cidade. Segundo a tradição oral Monsenhor Berenguer alegou problemas no seu Ford Bigode e despachou Lampião e seus cabras em outro veículo. Na verdade um ardil do religioso para se livrar das incômodas companhias. Esta história é até hoje contada na região.

⁵⁰ José Joaquim de Miranda, sargento da Polícia Militar da Bahia. Morreu naquele que foi o primeiro combate sangrento de Lampião em terras da Bahia. O fato correu na estrada de Maçacará, município de Euclides da Cunha.

passeio tal e fim, aí ele pediu o burro para dar um passeio, ele deu, ele passeou na rua no burro, quando chegou disse: “quer um conto de réis nesse burro?” Aí o freguês disse: “é seu”. Aí ele tirou duas de quinhentos deu. Disse: ”eu só vou comprar este burro porque nunca dei minha palavra para voltar, mas mais tarde serve para “macaco” andar montado”. Aí cortou por cá, Bigode de Ouro cortou por cá, quando Bigode de Ouro chegou em Euclides da Cunha soube que Lampião tinha entrado em Cícero Dantas por lá, aí ele botou um corte, aí se toparam numa fazenda por nome Subida do Mato, e depois desse fogo uns quatro ou cinco dias eu passei lá, estava a cova de um, que eu vinha viajando, vinha de Cícero Dantas. Aí desceram, ele matou o Bigode de Ouro e dois soldados. Entonce ele foi no bolso de Bigode de Ouro e encontrou a carta que Petro tinha mandado para ele em junho, aí ele disse: “Ah! Petro!”. Daí ele disse: “olhe, eu vim para a Bahia me descansar, mas já que me ofereceram, agora aí, arruinou-se”.

E1 – Sr. João, quem foi que pegou Paulo Monteiro, foi a volante?

JR – Foi. Tanto a volante judiou Paulo Monteiro, porque diziam que Paulo Monteiro era coiteiro, sem Paulo Monteiro sem ser “coiteiro” nem nada.

E1 – Agora vamos voltar um pouquinho para Canudos? O senhor conheceu Antonio Batista⁵¹ aí?

JR – Ah, demais! Demais!

E1 – Ele era negociante não era?

JR – Era.

E2 – Ele morava próximo a quem, “seo” Paulo? Colada com quem? Antonio Batista?

E1 – Era desse lado, à esquerda.

E1 – Ele negociava com o quê?

⁵¹ Ex-Prefeito de Euclides da Cunha, a quem Canudos pertencia, antes de ser emancipada em 1985.

JR – Com fazenda.

E1 – *Fazenda?*

JR – Sim. Fazenda e miudeza.

E1 – *Tecido?*

JR – Sim, tecido.

E1 – *E Enoque⁵² negociava com o quê?*

JR – Com tecido também.

E1 – *“Seo” Pombinho?*

JR – Com tecido.

E1 – *E quem é que vendia cereal?*

JR – Cereais aí...

E1 – *Era na feira?*

JR – Era na feira, era Osvaldo.

E1 – *E ninguém negociava com couro não?*

JR - Os negociantes de couro era Isaiás Canário⁵³, e tinha mais, tinha diversos, Antonio Pocinho...

E1 – *Quem vendia carne?*

⁵² Ex-Prefeito de Euclides da Cunha. Forte liderança de Canudos, onde também possuía importante comércio, armazém onde sortido, como se diz no sertão.

⁵³ Mais importante liderança política de Canudos. Consta da tradição oral haver ele solicitado ao Presidente Vargas, quando da visita deste a Vila no ano de 1940, a construção da Barragem do Cocorobó, muito embora haja controvérsias sobre este fato.

JR – Cumpade Juvenal tinha açougue, tinha, pois bem, os compradores de couro, nada era comprado lá, eu mesmo, toda vez, deixei de comprar couro lá há pouco instante, mas eu comprava pele, eles me davam o dinheiro e eu comprava pele para eles. Comprei muita pele para Antonio Batista no tempo que ele foi...

E1 – *E quem vendia carne, por exemplo?*

JR – Carne os mesmos, carne vendia era no açougue.

E1 – *Quem era que vendia?*

JR – Era cumpade Mané Salú, era o marchante mais forte.

E2 – *Como era o nome dele?*

JR – Pedro Salú.

E1 – *Aonde era que ficava o açougue?*

JR – O açougue fica na parte assim, do Barracão assim para lá. Mas...

E2 – *O nome dos outros, dos outros comerciantes de carne.*

JR – Eu mesmo era vendedor, eu vendia carne. Zeca do Pão vendia carne.

E1 – *E pão? Quem vendia pão?*

JR – Era Antonio Pocinho que tinha padaria. Zeca do Pão e Zé Vital o pai de Zito, Zeca do Pão chamava Zeca do Pão porque ele comprava pão para sair revendendo, aí apelidaram de Zeca do Pão, os filhos também ficaram como Zeca do Pão.

E1 – *Agora “seo” João aquele, tinha a igreja, não tinha? Tinha umas casinhas e tinha um sobrado grande, de quem era aquele sobradão?*

JR – Domingos Ferreira de Brito (Ferreira ou Dantas?).

E1 – *Domingos Ferreira de Brito.*

JR – Domingos Dantas de Brito, a gente chamava ele Domingos Ferreira.

E1 – *E quem era Domingos Dantas de Brito? Ele fazia o quê?*

JR – Esse era o mandatário, era muito rico, era o chefe de Canudos.

E1 – *Era fazendeiro?*

JR – Era fazendeiro. Olhe os “revoltosos⁵⁴” não entraram em Canudos por “causo” dele.

E1 – *Revoltosos de onde?*

JR – Na Revolta de 26.

E1 – *A Coluna Prestes.*

JR – Sim, Prestes. Não entraram no Canudos por causa de Domingos Dantas de Brito.

E2 - *Por que? Ele resistiu?*

JR – Foram botar um piquete nele na Serra da Canabrava. Ele tinha quatro “fio” home, Juca esse era pequeno, tinha dois soldados, naquele tempo tinha um Arnestão que morava no Caipã⁵⁵, que ele tinha um quarto cheio de “manunlichá” e bala.

E1 – *Como era o nome dele?*

JR – Arnesto⁵⁶.

E1 – *Arnesto?*

⁵⁴ Revoltosos – Adjetivação que os sertanejos atribuem aos integrantes da Coluna Prestes.

⁵⁵ Caipã – Uma das serras que circundam Canudos.

⁵⁶ Ernesto

JR – Sim. Antonce, finado Domingos Ferreira mandou pedir a ele um “mucado” de manunlicha, eles mandaram, ele mandou, aí ele ajuntou os home e foi botar.

E1 – *Quer dizer que aquele casarão era de Domingos Dantas de Brito?*

JR – Era.

E1 – *E depois? E “seo” Juquinha não foi dono dali também?*

JR – Quem?

E1 – *Juquinha?*

JR – Foi, porque venderam.

E1 – *Venderam depois, né?*

JR – Depois é. Venderam. Depois ele foi-se embora.

E1 – *E quais eram as melhores casas de Canudos naquela época?*

JR – As melhores casas de Canudos era a dele, era aquele sobrado. A de Isaías Canário, porque a de Isaías Canário assim mesmo era a melhor casa. A de Antonio Batista.

E1 – *E venha cá, essas pessoas que tinham mais dinheiro moravam todas no mesmo lugar? Mais ou menos no mesmo lugar, não era?*

JR – Era. No mesmo lugar.

E1 – *Aonde era mais ou menos? Era perto da praça?*

JR – Era. Era perto da praça.

E1 – *Os mais ricos?*

JR – Os mais ricos. Os mais ricos era Antonio Peixinho, esse Domingos Ferreira, política...

E1 – *Ele era político?*

JR – A questão, ele pegou uma política braba mais Isaías Canário, aí...

JR – *É Domingos Dantas de Brito?*

JR – É. Domingos Dantas de Brito. Ave Maria! Que ele era um grande. Aí depois...

E1 – *Ele era filho daqui mesmo de Canudos?*

JR – Não. Era filho de Pombal, de Ribeira do Pombal. Mas ele tinha, aquele Mandacaru⁵⁷ era todo dele, Canabrava, Cachoeirinha, tinha milhares de fazenda, quando ele saiu só não vendeu a fazenda da Canabrava e o Mandacaru, foi a felicidade de Juca e dos filhos.

E2 – *E a briga foi porque mesmo, na verdade?*

JR – Mas foi para lá, e lá não se deu, terminou, morreu e acabaram tudo, nunca mais para cá.

E1 – *E venha cá “seo” João, esse Domingos Dantas de Brito, ele era ligado a Juraci Magalhães, não era?*

JR – Era.

E1 – *Amigo de Juraci?*

JR – Era.

E1 – *E venha cá “seo” João, a Revolução de 1930 se comentou por aqui? Aquela briga de 1930?*

⁵⁷ Mandacaru e Cachoeirinha – Lugarejos situados em território de Canudos.

JR – Não.

E1 – *Ninguém falou aqui. Agora falou de Prestes?*

JR – De Prestes. Que eles cortaram por aí, aí eles vieram, mas eles toparam com um piquete, aí cerraram foi um fogo bonito, mas eles tinham que passar ali, aí eles recuaram, e de lá, cortaram por lá, foram passar no Caratacá, aí daí subiram e foram se acabar em Morro do Chapéu que era, que naquele tempo era de Horácio Matos.

E1 – *Esse piquete foi aonde?*

JR – Foi na Serra da Canabrava.

E1 – *Da Canabrava.*

JR – Da Canabrava.

E1 – *Venha cá “seo” João, tinha muito carro aí, carro, automóvel?*

JR – Tinha não.

E1 – *Não tinha nenhum?*

JR – Tinha não.

E1 – *Mas o capitão Isaías não tinha um Ford de Bigode?*

JR – Era.

E1 – *Uma Fobica?*

JR – Era. Tinha.

E1 – *O senhor andou nessa Fobica?*

JR – Inhô?

E1 – *O senhor andou na Fobica?*

JR – Ele mesmo era... Primeiro eles compraram um JEEP e aprenderam a dirigir no JEEP, depois...

E1 – *Me diga uma coisa: tinha loja de tecido, de couro, e quem vendia remédio?*

JR – Remédio não tinha não.

E1 – *Não tinha não? Não tinha uma botica para vender remédio não?*

JR – Depois surgiu. Já o Canudos já quase esgotado foi que Genaro⁵⁸, finado Genaro pegou a vender. Já estava indenizado o Canudos, já era ...

E1 – *E quando tinha qualquer doença tomava o quê?*

JR – Agora aí, era rapa de pau.

E1 – *Quem é que fazia, quem é que ensinava isso?*

JR – Minha avó que era parteira, era muito mezinheira, vinham buscar ela. Esse coroné Petro mesmo...

E1 – *Coronel Petro?*

JR – Vinha para uma festa nos Canudos, aí quando chegou no caminho, a mulher, o burro se espantou e a mulher caiu do burro, aí estava muito doente, morre, mas não morre ali no caminho, aí ela morava bem ali na Imburana de junto da casa de João Botão, aí Domingos Ferreira mandou chamar ela para ela: “olhe, é para você tratar dessa mulher”. Aí ela botou a criança no mato, ela tratava de remédio caseiro tal e fim, aí a mulher escapou. Virgem! Petro gratificou ela com uma coisa enorme. “Já se você ver que não trata da mulher”. Mandava para Bonfim, naquele tempo tinha Dr. Antonio que era famoso. Ela: “Não, vamos ver” E está e está

⁵⁸ Genaro Rabelo

e está. Diz ela que nunca morreu uma parteira* na mão dela. Ela morreu ficou a mãe de João Guerra⁵⁹, a mãe de João Guerra também era famosa, era uma parteira.

E1 – *E esses remédios eram feitos mesmo em casa, não era?*

JR – Era feito mesmo em casa, era.

E1 – *E quando tinha qualquer dificuldade maior, carregava para onde?*

JR – Às vezes tinha no Monte Santo um médico, Dr. Caldas.

E1 – *Como foi o último dia da cidade aí, “seo” João? Se lembra quando foi que encheu o açude?*

JR – Me lembro.

E1 – *Como foi? Conta aí para gente.*

JR – Quando o açude encheu, nesse tempo, o povo era só discutindo que o rio com o açude quebrava, isso foi crença, e esse açude só enchendo, enchendo, mas nesse tempo eu passei a mão e fiz uma, meu irmão mais eu fizemos uma roça lá no Saco Comprido, eu é que descia mais lá, nessa ocasião ele adoeceu, foi se tratar do pulmão, foi se tratar em São Paulo, eu fiquei lá sempre, aí o povo já dizia que o açude pipocava, o pessoal dali retiraram-se todos, só ficou a mulher de meu irmão, porque eu todo dia eu vinha dormir em casa. Quando foi uma ocasião, eu brigava mais ele, eu cheguei na rua, estava Maria de finado Enock na bodega, e tinha um dizendo: “O açude vai sangrar! O açude vai pipocar! ”. Ela dizia: “Eu tenho pena de muita gente, mas só tenho pena de comadre Maria porque o marido dela não está aí e ela está sozinha em casa”. Digo: “Mas dona Maria, toda noite eu venho dormir aí, o açude não pipoca não”. Aí estava um senhor assim conversando: “Não! Como é que o açude não pipoca?”. Eu digo: O açude não pipoca, o açude vai pipocar o quê, magote de burro? ”. O Vasa Barris, o São Francisco que é vivo enche e seca sem chover é dominado, não é para um rio “véio”, seco, só enche quando chove e quando não chove está de seco, o que é que ele pipoca coisa

⁵⁹ João Oliveira Dias (1906-1992). Antigo morador de Canudos. Funcionário aposentado do DNOCS, foi dos mais ativos narradores da história de seu povo, sobre a qual tinha grande conhecimento herdado dos seus parentes e contemporâneos.

nenhuma! Mas vocês vão!!!”. Ficou Zé de Régis, a casa de Zé de Régis purinha, pois bem, eu todo dia vinha dormir aí. Entonce quando foi um dia, eu tinha ido dormir lá, mais ele, que a ele estava trabalhando até... aí eu mandei dizer aqui a meus irmãos e tal, andei no açude, cheguei e ele estava a água só chegando, aí eu olhei, olhei, achei melhor mandar ele vir simbora dizer a eles que se quisessem espiar o açude sangrar que eles fossem, que o açude ia sangrar naquele dia, como de fato sangrou meio-dia. Quando foi no outro dia, eu estava lá que dei fé, ele chegou, um irmão meu, mais uma irmã e uma cunhada. Ah! Eu cheguei, quando cheguei estavam arrumando os “trens” para tirar lá para cima, aí eu digo: “Que serviço é esse?!”. “Ah, nós estamos tirando as coisas”. “Mas vocês estão doidos? ”. “Mas todo mundo não tirou? ”. Eu digo: “E eu sou culpado de todo mundo tirar? Eu digo: mas aqui é que não sai nada, se o açude está sangrando, ele foi feito para encher, não foi para não encher e sangrar”. Aí, ele não quer acreditar que ele encheu, ele quer pipocar!

E1 – *O senhor se lembra quando foi que ele encheu mesmo? Dizem que choveu uma porção de dias, aí encheu.*

JR – Foi.

E1 – *O senhor se lembra disso?*

JR – Lembra. Ah! Mas naquele tempo choveu bonito, chovia todo dia, e a chuva era geral.

E1 – *O senhor se lembra o ano que foi que encheu a barragem?*

JR – Foi em 81⁶⁰, não lembro não.

E1 – *Não lembra não, não é? “Soe” João, eu queria lhe agradecer muito, viu? Muito obrigado aí pelo depoimento, aprendi, toda vez que encontro o senhor é aprendendo, aprendi muito, lhe agradeço muito, e fica combinado assim: quando o tempo estiver firme eu passo aqui e a gente vai lá na Canudos “veia”. Está certo?*

JR – Está certo.

⁶⁰ A Barragem de Cocorobó foi posta em funcionamento no ano de 1969.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARARIPE, Tristão de Alencar. Expedições Militares Contra Canudos. seu aspecto marcial. 2. ed. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1985. 225p. il.

BOSI, Ecléa. Lembranças de Velhos. 2. ed. São Paulo: Edusp, 1987. 406 p. il.

CALASANS, José. Cartografia de Canudos. Secretaria de Cultura e Turismo/Conselho Estadual de Cultura. 1ª Edição. EGBA. (Coleção Memória da Bahia, nº 5). Salvador, 1997. 147 p. il.

_____ Quase Biografia de Jagunços. O séquito de Antonio Conselheiro. Edefba, Salvador, 2013. 78 p.

CUNHA, Euclides da. Os Sertões. 18. ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996. 294 p. il.

FACÓ, Rui. Cangaceiros e Fanáticos. 9ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1991. 231 p.

FONTES, Oleone Coelho. O Treme-Terra: Moreira César – A República e Canudos. 2ª Edição. Editora Vozes. Rio de Janeiro, 1996. 404 p. il.

HOUAISS, Antonio. Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa. Editora Objetiva, 1ª Edição. Rio de Janeiro, 2001. 2925 p. il.

JANOTTI, Maria de Lourdes Mônaco. O Desafio da História Oral. Revista Ciência Hoje: Encarte Especial: São Paulo, 1987. pp 32/35.

NETO, Manoel. Um Certo João Guerra. Artigo publicado na Revista Canudos. V.1, nº 8. Empresa Gráfica da Bahia, Salvador, 2007. 95 p. il.

PEDREIRA, Pedro Tomás. Pequeno Dicionário dos Municípios Baianos. Mil Cores Gráfica e Editora. 1ª Edição. Salvador, 1981. 175 p.